

EM BUSCA DAS REFRAÇÕES NA LITERATURA BRASILEIRA TRADUZIDA — REVENDO A FERRAMENTA DE ANÁLISE

FRANCIS HENRIK AUBERT

Universidade de São Paulo

Resumo

O modelo descritivo das modalidades de tradução retrata as diferenças em estrutura de superfície que podem ser identificadas quando se conduz uma comparação palavra a palavra entre o texto em língua fonte e seu(s) texto(s) equivalente(s) em língua(s) meta. O modelo, na versão consolidada em Aubert (1998), vem aqui revisto como resultado de estudos conduzidos sobre literatura brasileira traduzida, e busca estabelecer coerências com outras abordagens, notadamente aquelas que consideram os efeitos dos marcadores culturais e aquelas que buscam mapear as operações enunciativas (Culioli 2000) presentes nos originais e suas respectivas traduções. O modelo assim redefinido parece prestar-se melhor à descrição das especificidades da tradução literária.

Palavras-chave

Modalidades de tradução; marcadores culturais; operações enunciativas; tradução literária.

Abstract

The translation modalities descriptive model accounts for the surface structure differences that can be determined when conducting a word-for-word comparison between the source language text and its equivalent target language(s) text(s). The model, as consolidated in Aubert (1998), is here reviewed as a result of studies conducted on translated Brazilian literature and attempts to establish consistencies with other approaches, particularly those that focus on the effects of cultural markers and those that map the enunciative operations (Culioli 2000) present in the originals and in their respective translations. The model thus redefined would seem to provide an improved description of the specificities of literary translation.

Keywords

Translation modalities; cultural markers; enunciative operations; literary translation.

Introdução

Na intersecção das preocupações lingüísticas e das reflexões literárias, a linguagem da tradução em geral e da literatura traduzida em particular constitui-se em objeto específico de investigação. Se, conforme atestam seus praticantes, a tradução representa uma das formas mais detalhadas de crítica textual, a análise do texto traduzido cotejado com seu original, por sua vez, há de oferecer uma dupla visão crítica: (i) aquela que diz da adequação do texto traduzido como reflexo e como refração do seu original, lado a lado com (ii) aquela que descortina, no texto traduzido, novas leituras do texto original e nos informa, portanto, acerca da maior ou menor completude das leituras propostas na comunidade original de recepção literária.

Em um texto anterior,¹ propúnhamos indagar de que modo “uma literatura – e, por extensão, uma cultura – periférica como é a brasileira [...] se presentifica e se atualiza em diversas outras línguas/culturas de recepção, quando intermediada pela operação tradutória”. No referido artigo, apresentávamos os resultados de uma análise lingüístico-estilística, nos planos frástico e subfrástico, levada a cabo sobre as traduções de *Sagarana* para o francês e para o norueguês. Buscavam-se, em suma, elementos que permitissem encaminhar uma verificação da “fortuna tradutológica” da literatura brasileira traduzida, entendida como parte integrante, ainda que longe de exclusiva, da compreensão da fortuna crítica geral da literatura brasileira em tradução. Mais especificamente, apontava-se para o interesse – a um só tempo lingüístico, literário e antropológico – em observar o tratamento específico dado pelos tradutores às marcas lingüísticas das especificidades culturais e em que medida e de que modo as diversas injunções não apenas lingüístico-textuais,

¹ Francis H. Aubert; A. Zavaglia, Reflexos e refrações da alteridade na literatura brasileira traduzida (1) – as versões de *Sagarana* para o francês e para o norueguês, *TradTerm* 9, São Paulo, Citra/FFLCH/USP, p. 173-88, 2003.

mas, igualmente, pragmáticas, para não mencionar a própria estrutura do universo literário do espaço de recepção, se manifestam ou deixam “traços identificáveis na dos textos traduzidos e nas opções lexicais, morfossintáticas, semânticas [...] feitas por seus tradutores”.²

Esse primeiro estudo já apontava para algumas questões relevantes. Aplicando o modelo descritivo das “modalidades de tradução”,³ derivado do modelo pedagógico dos “procedimentos técnicos da tradução”,⁴ apenas um de seus resultados situou-se rigorosamente dentro das expectativas: a “distância tipológica maior entre o português e o norueguês do que entre o português e o francês [confirmada] pela ocorrência de 50% de traduções literais na relação português/francês, contra apenas 29% no caso da relação português/norueguês”.

Se, no plano da lingüística contrastiva, a hipótese mais óbvia confirmava-se, nos aspectos mais relevantes para o tratamento textual a situação mostrou-se algo diversa e, de certo modo, surpreendente. Assim, embora a tipologia do texto literário levasse a uma expectativa de uma maior ocorrência de modulações, o fato é que

este procedimento apresentou uma ocorrência bem superior à expectativa, em faixa muito próxima à da transposição, tanto na tradução francesa quanto na norueguesa [...] a elevada ocorrência de modulações pode indicar um esforço deliberado por parte dos tradutores de conferir às traduções uma tipologia textual literária, ou, ainda, uma busca de formas alternativas de lidar com a diversidade cultural, que comumente implicaria um índice mais elevado de ocorrências de empréstimos, adaptações e, subsidiariamente, de explicitações.⁵

Finalmente, “as ocorrências de explicitações, empréstimos e adaptações verificadas nas traduções de *Sagarana* para o francês e o norueguês apresentam algumas características não diretamente correlacionáveis com a forte presença de marcas culturais”. E concluíamos:

Justificam-se, assim, desde já, ao menos três desdobramentos da pesquisa ora relatada: (1) um confronto com a tradução de outro texto da literatura brasileira, nas mesmas direções tradutórias, para verificar se os dados observados no presente levantamento confirmam uma tendência ou refletem uma situação idiossincrática; (2) uma observação específica voltada para os marcadores lingüísticos das especificidades culturais, que pode proporcionar resultados diversos e, em especial, permitir uma melhor avaliação do papel das diversas modalidades na reescrita de tais marcadores; e (3) para além da dimensão frástica e subfrástica, que constituiu o foco principal deste trabalho, acrescer uma dimensão textual, que, em etapas subseqüentes do presente projeto, será desenvolvida com base na teoria lingüístico-enunciativa de Antoine Culioli.⁶

² *Idem, ibidem.*

³ Francis H. Aubert, Modalidades de tradução: teoria e resultados, *TradTerm* 5.1, São Paulo, Citrat/FFLCH/USP, p. 99-128, 1998.

⁴ J. P. Vinay; J. Darbelnet, *Stylistique comparée du français et de l'anglais*, Paris, Didier, 1958/1977.

⁵ R. H. M. A. Corrêa, *Barreiras culturais da tradução*. São Paulo, 1998, Tese (Doutorado), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. Cf. Francis H. Aubert; A. Zavaglia, Reflexos e refrações da alteridade na literatura brasileira traduzida (1) – as versões de *Sagarana* para o francês e para o norueguês, *op. cit.*

⁶ A. Culioli, *Pour une linguistique de l'énonciation*: opérations et représentations, 2.ed. rev., Paris: Ophrys, 2000, v. 1.

Na seqüência, novos estudos foram realizados,⁷ visando sobretudo atender aos objetivos descritos nos itens (2) e (3) dessa citação. Esses estudos, em especial aqueles focalizando a relação entre os marcadores das especificidades culturais e o modelo descritivo das modalidades, exigiram, por sua vez, um novo pensar sobre o modelo em questão, levando em conta não mais apenas os fenômenos de estrutura de superfície lingüística, como, igualmente, os efeitos textuais de cada modalidade. No presente artigo, procura-se consolidar os resultados obtidos nos trabalhos citados, e propor uma nova versão do modelo de análise, sempre à luz das peculiaridades do trato com o texto literário em tradução, para tanto recorrendo, sempre que relevante, aos fenômenos tradutórios observados nas versões francesa e norueguesa de *Macunaima* e de *Sagarana*.

As modalidades de tradução revistas

O modelo descritivo das modalidades de tradução representa uma das muitas abordagens técnicas possíveis para o cotejo, *pari passu*, de textos originais e suas respectivas traduções.⁸ Organiza-se como uma escala, partindo de uma certa indiferenciação entre original e tradução, para aquém da qual ocorre a omissão, e estendendo-se até um grau máximo, para além do qual se incorre na ausência de qualquer intersecção e, portanto, no erro.

A ocorrência das modalidades é observada ao longo dos textos (original e tradução), considerando-se cada palavra tal como empregada no texto fonte e tal como reproduzida ou resgatada, lexicalmente ou não, no texto meta. Assim, a cada unidade lexical do texto fonte será necessário indagar qual o seu equivalente no texto meta, o que exige efetuar uma análise extremamente precisa, observando, a um só tempo, a unidade lexical em si e o seu co-texto e contexto de ocorrência, e, para tanto, dispor de um instrumento capaz de designar e identificar a grande variedade de fenômenos lingüístico-estilísticos que podem tornar-se visíveis no processo de cotejo.

Sem prejuízo de seu grau de precisão e detalhamento, porém, o modelo também deve poder dar conta das similaridades entre as modalidades, de modo a po-

⁷ Francis H. Aubert, *Indagações acerca dos marcadores culturais na tradução*. São Paulo, DLO/FFLCH/USP (no prelo). A. Zavaglia; F. H. Aubert, A fronteira entre a modulação e a adaptação de termos culturalmente marcados nas versões de *Sagarana* para o norueguês e para o francês. In: III Seminário Internacional Guimarães Rosa, 2004, Belo Horizonte, *Caderno de Resumos do III Seminário Internacional Guimarães Rosa*, 2004a, p. 236. A. Zavaglia; F. H. Aubert, Linguistic and cultural otherness and its reflections and refractions in translated Brazilian literature (2): variables and invariants. In: 4th International European Society for Translation Congress, 2004, Lisboa, *Abstracts of the 4th International European Society for Translation Congress*, 2004b, p. 132-3. Francis H. Aubert; A. Zavaglia, Cultural Markers in Brazilian Translation, *Perspectives: Studies in Translatology*, v. 13, n° 1, p. 38-47, 2005, ISSN: 0907-676X. A. Zavaglia, Modalidades de tradução e operações enunciativas: o caso do marcador léxico-gramatical UM e suas traduções para o francês. In: 14 InPLA – Intercâmbio de Pesquisas em Lingüística Aplicada – Linguagem, Inserção, Cidadania, 2004, São Paulo, *Caderno de resumos do 14 InPLA*, São Paulo, PUC-SP, 2004a, p. 9-9. A. Zavaglia, A relação linguagem, línguas e tradução: o caso dos termos culturalmente marcados. In: IX Encontro Nacional e III Encontro Internacional de Tradutores, 2004, Fortaleza. *Caderno de Resumos do IX Encontro Nacional e III Encontro Internacional de Tradutores*. 2004b, p. 127.

⁸ Para uma apresentação mais detalhada do histórico do modelo, ver F. H. Aubert, “Modalidades de tradução: teoria e resultados”, *op. cit.*

der identificar tendências mais gerais, e, desse modo, assegurar maior consistência aos resultados obtidos. Apenas como exemplo, observe-se que em determinadas comunidades de recepção há uma tendência a adotar o decalque (adaptação gráfica) em situações em que outras comunidades de recepção dão preferência ao empréstimo, como em (po.) *Macunaíma*, (fr.) *Macounaïma* e (no.) *Macunaïma*. Assim, o modelo não pode reter sua forma estritamente linear, mas deve poder estruturar modalidades próximas, de forma coerente, em categorias mais amplas.

Em síntese, e levando em conta a possibilidade de co-ocorrência, no mesmo segmento textual, de duas ou mais modalidades, para melhor lidar com a linguagem da tradução literária as modalidades de tradução podem organizar-se como segue:

1. *Omissão*. Ocorre omissão sempre que um dado segmento textual do texto fonte e a informação nele contida não podem ser recuperados no texto meta. Essa ressalva é de fundamental importância, pois, em numerosos casos, embora a correspondência biunívoca seja perdida, a informação como tal é perfeitamente recuperável no texto meta, como nas *transposições* e nas *implicações* (ver a seguir).

2. *Espelhamento*. Ocorre espelhamento quando um determinado segmento do texto original reocorre no texto traduzido, sem alterações ou com pequenas alterações gráficas e/ou morfosintáticas. Reparte-se em:

2.1 *Empréstimo*. Trata-se de é um segmento textual do Texto Fonte reproduzido no Texto Meta com ou sem marcadores específicos de empréstimo (aspas, itálico, negrito etc.), como é o caso das ocorrências de *fazenda* e *Mantiqueira* na versão norueguesa de *Sagarana*.

2.2 *Decalque*. Uma palavra ou expressão emprestada da Língua Fonte mas que foi submetida a certas adaptações gráficas e/ou morfológicas para conformar-se às convenções da Língua Meta, como no locativo *Ourocouita* por *Urucuia*, na tradução francesa do conto *O burrinho pedrês*.

3. *Literalidade*. A literalidade manifesta-se como um conjunto de soluções tradutórias aparentemente desprovidas de “ruído”, ou seja, em que a passagem do texto original para o texto traduzido faz-se, no segmento textual observado, de forma direta, valendo-se de soluções configuradoras de uma certa sinonímia interlingüística e intercultural no contexto dado. A literalidade desdobra-se em:

3.1 *Transcrição*. Inclui segmentos de texto que pertençam ao acervo de ambas as línguas envolvidas (por exemplo, algarismos, fórmulas algébricas e similares) ou, ao contrário, que não pertençam nem à língua fonte nem à língua meta, e sim a uma terceira língua e que, na maioria dos casos, seriam considerados empréstimos no texto fonte (como frases e aforismos latinos – *alea jacta est*). Assim, no conto *O duelo*, ocorre, como termo originariamente importado para o Texto Fonte, uma marca de arma de fogo: *metralhadoras pesadas Hotchkiss*. Essa designação permanece inalterada tanto na versão francesa quanto na norueguesa: (fr.) *mitrailleuses lourdes Hotchkiss*; (no.) *tunge Hotchkiss maskingeværer*.

3.2. *Tradução palavra por palavra*. Ocorre sempre que, na comparação entre os segmentos textuais fonte e meta, se observam: (i) o mesmo número de palavras, (ii) na mesma ordem sintática, (iii) empregando as “mesmas” cate-

rias gramaticais e (iv) contendo as opções lexicais que, no contexto específico, podem ser tidas por sendo sinônimos interlingüais, como no seguinte trecho do conto *A hora e a vez de Augusto Matraga*:

po.	Mas	como	tudo	é	(mesmo)	muito	pequeno ...
	↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓
fr.	Mais	comme	tout	est	(vraiment)	très	petit ...
no.	Men	ettersom	alt	er	(virkelig)	meget	lite ...

em que apenas *mesm,o* apresenta, tanto em francês quanto em norueguês, uma solução lexicalmente diversa (*modulação*).

3.3. *Transposição*. Ocorre transposição sempre que um ou mais dos critérios formais para a definição de tradução *palavra por palavra* deixa de ser satisfeito, ou seja, sempre que ocorrerem rearranjos morfosintáticos. Assim, por exemplo, se uma palavra for desdobrada em várias, como no trecho de *Augusto Matraga*:

po.	Procissão	[entrou],	reza	acabou
	↙ ↘		↙ ↘	↙ ↘
fr.	La procession	[entra],	la prière	s'acheva

ou, ao contrário, se duas ou mais palavras forem condensadas em uma só, ou se a ordem das palavras for alterada (inversões e deslocamentos), ou se houver uma alteração de classe ou quaisquer combinações dos anteriores, cada uma dessas ocorrências será classificada como *transposição*.⁹

3.4. *Explicitação*. A explicitação *representa* uma tentativa de assegurar a literalidade semântica, mediante o recurso a construções parafrásticas de diversos tipos, que podem assumir diversas formas: aposto explicativo, nota de rodapé ou de fim, glossário final, e outros recursos (mesmo um prefácio ou posfácio pode exercer o papel de ferramenta de explicitação). Assim, por exemplo, a edição norueguesa de *Macunaíma* traz um posfácio de Anne Sletsjøe,¹⁰ professora titular de Literatura Luso-brasileira da Universidade de Oslo, que situa a obra de Mário de Andrade em seu contexto literário brasileiro e proporciona ao leitor norueguês algumas “chaves de leitura” para a obra em questão.

4. *Equivalência*. As modalidades (ou procedimentos técnicos) de equivalência são aquelas em que a atuação, a interferência e a co-autoria do tradutor tornam-se mais visíveis.¹¹ Manifestam-se em diversas formas de deslocamento ou refração semântico-pragmática, e, no limite, levam o texto traduzido – ou segmentos desse – à reescrita interpretativa na óptica da cultura de recepção. São modalidades de equivalência:

⁹ As *transposições* podem ser obrigatórias – impostas pela estrutura morfosintática da língua alvo – ou facultativas, a critério do tradutor.

¹⁰ A. Sletsjøe, “Etterord”, in Mário de Andrade, *Macunaíma – helten uten noen karakter*, trad. Anne Elligers, Bokvennen, 1997.

¹¹ A interferência do tradutor encontra-se, na realidade, até mesmo no empréstimo, pois, em qualquer hipótese, a escolha do procedimento é sempre do próprio tradutor. A questão discutida aqui, portanto, não diz respeito ao grau de interferência, e sim à sua visibilidade.

4.1. *Implicação*. Formalmente, é o reverso da explicitação, em que informações explícitas contidas no texto fonte e identificáveis com determinado segmento textual tornam-se referências implícitas. Assim, o trecho de *Macunaíma*.

O gigante foi lá dentro e voltou com um caramujo na mão.

vem traduzido para o norueguês sem a menção “na mão”, recuperável, no entanto, pelo contexto e pelo conhecimento de mundo projetado sobre a leitura:

Risen gikk ut, og kom inn igjen med en grønn stein.

Seu efeito, no entanto, não guarda relação evidente – ainda que inversa – com a explicitação. Resulta, por vezes, em simples condensações, ou eliminação de aparentes redundâncias, como no exemplo citado. Pode, no entanto, constituir um recurso de evitação de dificuldades, afastando a necessidade de estabelecer equivalências sobre barreiras culturais mais desafiadoras, caso em que a *implicação* assemelha-se à *omissão*.

4.2. *Modulação*.¹² Essa é provavelmente a modalidade de tradução mais rica de facetas e, por isso mesmo, mais complexa de se caracterizar.¹³ Confunde-se, em grande medida, com a idiomaticidade das línguas e, no plano do discurso literário, mostra-se como a principal marca identificadora da tradução literária, em especial no contraste com a tradução técnica.¹⁴

Registra-se como modulação a solução tradutória que resulta em uma alteração perceptível na estrutura semântica de superfície, embora retenha fundamentalmente o mesmo efeito geral de sentido denotativo, no contexto em questão. Dito de outro modo, na modulação expressa-se a “cultura lingüística”,¹⁵ o modo de dizer peculiar a determinado complexo língua-cultura, os idiomatismos de expressão, de significado, de conotação. Considere-se, por exemplo, de que modo o apelido do *Burrinho Pedrês – Sete de Ouros* no original – se converte em *Ruter Sju* em norueguês e em *Sept-de-carreau* em francês. Aqui, a referência ao naipe do baralho é perfeitamente equivalente, mas o sentido próprio de “ouros” em português não se confunde com o de “ruter” em norueguês ou “carreau” em francês (em ambos os casos, *vidraças*). Veja-se, ainda, o trecho de *O marido pródigo* que se segue, em que os segmentos textuais modulados na versão francesa aparecem assinalados em negrito no original:

¹² As *modulações*, tanto quanto as *transposições*, podem ser obrigatórias ou opcionais. Uma hipótese ainda a ser adequadamente investigada sugere que as *transposições* e as *modulações* optativas representam parcela significativa da manifestação, no plano lingüístico, da liberdade do tradutor.

¹³ R. Salkie, A new look at modulation, *Translation and Meaning*, parte V, 2001. Disponível em <http://www.brighton.ac.uk/languages/contact/academiestaff/salkie_on_modulation.pdf>.

¹⁴ D. C. de Camargo, *As modalidades tradutórias e a tipologia textual: uma via de abordagem para uma tipologia da tradução interlingual*, São Paulo, 1993, Tese (Doutorado), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. P. Zanotto, *Tipos de textos e modalidades de tradução*, São Paulo, 1993, Tese (Doutorado), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. R. H. M. A. Corrêa, *Barreiras culturais da tradução*, op. cit. R. J. de Q. F. Taillefer, *Um diálogo entre culturas: Jorge Amado no contexto da língua-cultura francesa*, São Paulo, 2004, Tese (Doutorado), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

¹⁵ E. Nida, *Linguistics and ethnology in translation problems*, *Word* 1.2, p. 194-208, 1945.

Zé Grande passa a correia do berante a tiracolo e continua calado observando. Para a sabença do gado, ele é o melhor vaqueiro da Tampa, homem ledor de todos os sestros e nequícias do bicho boi.

→

Le Grand Zé met la courroie de sa trompe en bandoulière et continue de garder le silence, à observer. Question connaissance du bétail, il est le meilleur bouvier de la fazenda du Couvercle, un homme déchiffreur de toutes les roueries et malignités du bovin.

em que passa é reproduzido como *met* (enfia), do traduz-se com *de sa*, introduzindo um elemento possessivo, calado passa a algo mais solene e formal – *garder le silence* –. Para a *sabença* exprime-se corretamente, mas em uma abordagem diversa, na construção marcada *question connaissance*; *ledor* ganha uma interpretação mais precisa – mas talvez limitante – em *déchiffreur* – *sestros* e *nequícias* perdem, em *roueries* e em *malignités* um pouco do modo rosiano de exprimir-se, e *bovin* decididamente não resulta no mesmo tipo de expressividade encontrado em *bicho boi*. A despeito, porém, dessas diferenças, não se entende no trecho em francês outra coisa do que aquela expressa no original brasileiro: apenas, entende-se a mesma coisa por outros caminhos, com a manifestação de outras sensibilidades, outros tons.

4.3. *Adaptação*. A principal característica da adaptação reside em ser uma intersecção de sentidos, mesmo denotativos, abandonando a busca da equivalência plena. Aqui não é propriamente o estilo, o modo de dizer, a idiomaticidade, a “cultura lingüística”, enfim, que marca a diferenciação. Essa é mais essencial, e corresponde, mais freqüentemente, a um dos resultados possíveis do embate entre as duas realidades extralingüísticas que se confrontam no ato tradutório. Assim, por exemplo, o trecho de *A volta do marido pródigo*

– Vamos boiar gente ... Está na hora do almoço!

aparece, na tradução norueguesa, como

– Nå går vi og eter, kaver ... Det er midt på dagen!

em que o trecho em negrito retrotraduz-se ao português como “meio do dia”, pois, na cultura norueguesa, não se faz uma refeição quente, mais pesada, por volta do meio-dia, apenas um rápido lanche, e, portanto, a indicação do período do dia por meio da referência a almoço seria desconcertante, ou evocaria o final da tarde, quando o norueguês padrão de fato ingere sua única refeição quente do dia. Processo similar – intersecção de realidades naturais, sociais ou de sistemas de crenças distintas entre a cultura fonte e a cultura meta – observam-se na tradução de (po.) *arraial* como (fr.) *village* ou (no.) *landsby* (“aldeia” ou “cidade do campo”), de (po.) *capangas* como (fr.) *hommes de main* ou (no.) *livvaktene* (“guarda-costas” ou “guarda-vidas”). Mais radicalmente, o trecho, também de *A volta do marido pródigo*,

..., convidando o Ananias p’ra ser compadre dele, ...

converte-se, na versão norueguesa, em

..., innynda seg hos Ananias, ...

(literalmente, “insinuou-se / captou a simpatia de Ananias”), posto que o próprio conceito de “compadre” e de “compadrio” é inexistente na cultura meta

(mas não o conceito de “padrinho”) e ilustra, de forma clara, quão tênue, por vezes, pode ser a intersecção, sem, no entanto, descaracterizá-la como uma solução apropriada para o resgate da equivalência possível.

5. *Tradução Intersemiótica.* No texto literário, a tradução intersemiótica ocorre, usualmente, nas ilustrações ou vinhetas introduzidas no texto traduzido. Quando essas inexistem, resta, ainda a capa do livro, que, de algum modo, propõe uma interpretação ou chave de leitura para a obra que se tem em mãos. Assim, por exemplo, a capa da edição norueguesa de *Macunaima* (Figura 1) traz o retrato do autor com o título da obra aposta como uma legenda do retrato, incorrendo o risco de induzir o leitor menos bem informado a ver na ilustração o retrato do personagem, e não do autor, ou, no caso do leitor mais bem versado na iconografia dos literatos brasileiros, de sugerir uma interpretação autobiográfica do texto. Já a capa da edição norueguesa de *Sagarana* (Figura 2), quer pela paisagem de fundo quer pela figura humana no plano anterior, poderia ser percebida como não correspondendo de modo muito preciso aos estereótipos usualmente atribuídos às Gerais e à sua gente, o que não quer dizer que a paisagem e a figura humana sejam factualmente inverossímeis. Novamente, a capa proporciona uma chave de leitura própria, diferente daquelas usualmente encontradas nas edições brasileiras de *Sagarana*, mas certamente não inconsistente com leituras possíveis do texto de Rosa.

6. *Erro.* Incluem-se na categoria *erro* tão somente os casos que ultrapassam os limites da adaptação, resultando em troca injustificada de sentidos. No material analisado no âmbito do projeto referido na introdução, foram relativamente raras as ocorrências incontestáveis de *erro*. Vejam-se alguns exemplos:



Figura 1 – Capa da edição norueguesa de *Macunaima*, Capista: Kattrine Naustdal. © 1997, Bokvennen Forlag.



Figura 2 – Capa da edição norueguesa de *Sagarana*. Reprodução do quadro *Mestiço*, de Portinari, 1934.

(po.) *De sorte que estava no começo da zona a que chamam de Oeste de Minas*
(no.) *Ved en tilfeldighet befant han seg nå ved begynnelsen av det området som kalles Vest-Minas*

em que o segmento inicial “De sorte que” foi interpretado pelo tradutor como significando “Por um acaso da sorte”, o que manifestamente não é o caso.

Como ficou dito, as modalidades aqui esboçadas podem apresentar co-ocorrências. No material analisado na literatura brasileira traduzida, uma co-ocorrência bastante difundida foi a da *transposição* com *modulação*, ou seja, situações em que, a um só tempo, se observam deslocamentos semânticos e acomodações morfosintáticas. Considere-se, por exemplo, em *Augusto Matraga*:

Caminharam para casa [...] → Ils prirent le chemin de la maison [...]

em que o termo “caminharam” desdobra-se em quatro termos em francês e esses quatro termos compõem uma seqüência que altera o ponto de vista, o modo de descrever a cena, de *caminharam* para *tomaram o caminho*. Ou, ainda, na tradução do mesmo conto para o norueguês,

o leilão andou depressa e se extinguiu, sem graça → auksjonen gikk fort for seg og døde begivenhetsløst hen

em que *depressa* desdobra-se em *fort for seg*, e *se extinguiu sem graça* reformulase *døde begivenhetsløst hen*, com alterações morfosintáticas claras e, concomitantemente: a introdução de um componente reflexivo – *seg* – no adjunto adverbial de modo; a perda do componente reflexivo de “se extinguiu” em *døde hen*; e *begivenhetsløst*, o segundo adjunto adverbial de modo, correspondente a “sem graça”, sugere, em língua norueguesa, o fim do leilão sem maiores incidentes, sem nada que chamasse a atenção.

Considerações finais

A reestruturação do modelo das modalidades de tradução aqui proposta tem por finalidade buscar uma integração maior entre procedimento e produto, entre o que se observa na estrutura de superfície e os efeitos de cada opção tradutória sobre a recepção do texto de chegada. Julga-se tal integração como fundamental para que o modelo possa espelhar, *inter alia*, a fortuna tradutória a que se aludiu na introdução, parte componente e constituinte da fortuna crítica da literatura em tradução.

Destaca-se, nessa reformulação, o abandono de uma correlação estrita entre os fenômenos que se manifestam na estrutura de superfície e a classificação linear das modalidades, entendidas como formando uma escala de diferenciação original/tradução, de um grau “zero” a um grau extremo, para além do qual ocorreria o erro. Mantido o conceito de escala, fez-se um reagrupamento em grandes classes – *espelhamento*, *literalidade*, *equivalência* – que, em muitos casos, melhor representam o que de fato ocorre na tradução, e permite separar com mais precisão os “automatismos” decorrentes das tipologias lingüísticas das “intencionalidades” manifestas pelas opções do tradutor. Resta testar o modelo, em novos estudos sobre traduções literárias de textos literários, para assegurar a confirmação cabal da relevância das alterações aqui empreendidas.